

“O inconsciente é politicamente incorreto”

Entrevista com Jacques André

Por: Gisele Assuar, Luana Viscardi Nunes e Joaquim Pereira Jr.

O PSICANALISTA JACQUES ANDRÉ é membro da *Association Psychanalytique de France* (APF), filiado a *International Psychoanalytical Association* (IPA), professor de Psicopatologia da Universidade de Paris 7 - Denis Diderot e diretor do *Centre d'Etudes em Psychopatologie* (CEPP). Veio ao Instituto Sedes Sapientiae a convite do Departamento Formação em Psicanálise para a *Jornada Sexualidade Psíquica e Gêneros*. A entrevista foi realizada por Gisele Assuar, Luana Viscardi Nunes e Joaquim Pereira da Silva Junior, membros da Comissão de Publicação do Departamento Formação em Psicanálise, em 24 de Maio de 2019, e teve sua tradução simultânea feita por Vanise Dresch. Autor entre outros livros de *L'inconscient est politiquement incorrect* (O

inconsciente é politicamente incorreto), Jacques André fala nessa entrevista à revista Boletim Formação em Psicanálise sobre a violência do inconsciente.

Boletim Formação em Psicanálise: Desde Freud, uma das grandes questões que têm mobilizado as investigações em Psicanálise é a pergunta “*O que quer uma mulher?*”. Nos últimos tempos, alguns psicanalistas vêm se dedicando a pensar sobre as questões do masculino, inclusive o senhor, como se pode observar no capítulo de sua autoria intitulado “O amor no masculino”, a ser publicado no próximo livro da Coleção Departamento Formação em Psicanálise sobre sexualidade e gênero. Isso posto, gostaríamos de lhe perguntar: a Psicanálise já sabe o que quer uma mulher?

Jacques André: Não. Um homem também não sabe, aliás.

BFP: E como aquilo que até hoje se pensou sobre a feminilidade poderia auxiliar numa nova abordagem das questões do masculino?

JA: Em primeiro lugar, eu considero que é um paradoxo essa questão freudiana de o que quer uma mulher, que se apresenta como se fosse um enigma sem solução. Mas, uma vez tendo dito isto, Freud produziu uma teoria muito construída, e que é uma resposta. *O que quer uma mulher? O pênis.* Esta é a resposta dos dois textos de Freud sobre a feminilidade. Porque a grande questão, a originalidade desses dois textos, é fazer da inveja do pênis o ponto de partida da feminilidade. Claro que há nuances a se fazer aqui. É como se ele remetesse toda essa parte enigmática ao período precoce da relação mãe-filha. Em relação ao pai, é muito claro, em relação à mãe, é muito obscuro, simplificando, de certa forma. Acho que não podemos nos contentar com essas teorias freudianas. E as críticas contra Freud datam até mesmo da própria época dele, como em Karl Abraham, Melanie Klein e outros. Em relação ao masculino, não se encontra nenhum texto de Freud que se intitule “Sexualidade masculina”. É como se a sexualidade masculina fosse a *própria* sexualidade, um pleonasma, porque a libido é viril. E a inveja do pênis, de certa forma, vai ao encontro dessa posição. Evidentemente esse ponto de vista foi muito criticado e evoluiu muito na Psicanálise. Mas é interessante que há vários Freuds: por exemplo, no textos sobre Dora, em “Uma criança é espancada” e também em outros textos clínicos percebe-se que ele tinha visões clínicas que não correspondiam a sua própria teoria. E há também uma dificuldade importante: a respeito da masculinidade e da feminilidade, quando se faz disso uma teoria, como distinguir a parte lógica,

razoável e racional, de uma outra parte que seria imaginária e fantasmática? Nenhum teórico pode estar protegido e livre dos efeitos do inconsciente. Se tomarmos a teoria freudiana sobre a feminilidade a partir da inveja do pênis, podemos nos dar conta que no fundo isso está em conformidade com a fantasia fetichista, que é uma fantasia quase genérica nos homens, e que evidentemente também tem uma influência grande na vida das mulheres. Não tenho certeza, mas acho que 75% das vendas de produtos eróticos são lingerie femininas. E esse consumo é inseparável da fantasia fetichista dos homens. *Os homens e as mulheres vivem no mesmo planeta psíquico*. E os seus inconscientes se comunicam. É interessante observar, por exemplo, a fantasia de estupro. É muito raro, eu nunca conheci uma mulher em que não se encontre em algum ponto, em algum lugar, essa fantasia do estupro. Muitas vezes ela é transformada, modificada, claro. Ela nunca é direta - às vezes sim, mas raramente. Por exemplo, pode ser o medo de um assaltante entrar em casa. E é muito interessante que essa fantasia de estupro não tenha lugar nenhum nos textos de Freud sobre a feminilidade. É surpreendente isso. Mas isso está presente em Dora.

BFP: O estupro seria o equivalente da fantasia do incesto?

JA: Não se pode separar a fantasia do estupro de uma fantasia de cena primitiva. A cena primitiva é uma cena de estupro. A fantasia da sexualidade entre os pais nunca é uma fantasia de uma sexualidade terna, é sempre algo violento e inconsciente. E justamente inconsciente por ser violento. E evidentemente a questão incestuosa está no âmago disso tudo porque a primeira sexualidade é necessariamente incestuosa.

BFP: Então essa fantasia estaria presente também nos homens?

JA: Sim, claro, ao mesmo tempo ativa e passiva, estuprador e estuproado. Embora os homens sejam mais os violadores e as mulheres, mais as estuproadas. Essa questão da passividade na sexualidade feminina é uma questão essencial. Mas é claro que a gente tem que separar aqui a passividade de toda a sua tônica ideológica pejorativa. Só para dar o exemplo de uma paciente: ela deixou o marido e, dentre as razões que ela apresenta é o fato de que sexualmente eles não têm uma relação satisfatória. Ela diz que ele é um sentimental, que ele faz amor sem machucar. E ela diz: “O que eu quero é um homem que me coloque contra a parede do banheiro”. Isso significa que a passividade feminina pode exigir muita atividade.

BFP: Recentemente, a mídia divulgou que a Suécia apresenta os melhores índices de igualdade de gênero (como paridade de cargos e salários entre homens e mulheres), mas, ao mesmo tempo, um alto índice de violência contra a mulher. Isso lhe parece paradoxal? Como articular as questões da sexualidade psíquica com as questões político-sociais que a problemática de gênero traz?

JA: Em primeiro lugar, a sexualidade é violenta, e o *inconsciente é uma violência*. Mesmo em países que são muito bem submetidos ao Direito, como é o caso de países protestantes, como a Suécia, o inconsciente continua o mesmo, e o estupro o mesmo também. A regulação social, evidentemente, é um dado muito importante, mas nunca vai conseguir reduzir a violência inconsciente e a violência sexual. A violência contra as mulheres pode ser muito mais observável em culturas que estão em torno do Mediterrâneo, por exemplo, e bem mais contida, apesar de tudo, na Europa, no norte europeu. Isso no âmbito social.

BFP: Alguns psicanalistas pensam a contemporaneidade como um tempo de grandes mudanças na sexualidade, e até mesmo com novas formas de subjetivação, em função disso. Na sua opinião, a sexualidade se transformou radicalmente, ou o que vivemos são novas modalidades do mesmo?

JA: No fundo, eu acredito que a sexualidade é a mesma, embora não se possa fazer um raciocínio muito apressado em relação a essas formas atuais. É evidente que há uma relação entre a repressão cultural e o recalçamento inconsciente. Não é a mesma coisa quando se é uma moça na Meca, em São Paulo ou em Paris. Temos que analisar mais detalhadamente, mas o que não muda nunca é a linha de demarcação entre o inconsciente e o resto. Porém, as representações inconscientes não são as mesmas. Dando um exemplo aqui em relação à Freud: todo lugar que ocupa o recalçamento da masturbação no início da obra freudiana, hoje não é uma questão, os pacientes falam sobre masturbação sem dificuldade, e Freud ficaria certamente muito surpreso em ouvir isso, embora durante seu percurso ele já tivesse abandonado a masturbação como causa fundamental da neurose. E na verdade, em outras palavras, eu diria que as fantasias fundamentais sofrem uma mudança muito pequena, como o exemplo da fantasia de estupro, que demos há pouco. Vou dar um exemplo freudiano: aquilo que ele chama de “o mais geral dos rebaiamentos”, a dificuldade dos homens em sentir ternura e sensualidade em relação a uma mesma mulher, daí a clivagem clássica, ficando a sexualidade com as amantes, e a ternura com a esposa. Isso é algo que não se deslocou

um centímetro. Ouve-se isso tanto nos homens de hoje quanto nos do passado. Eu intitulei um dos meus livros como *O inconsciente é politicamente incorreto*. É muito incorreto. É bastante interessante quando se tem no divã uma mulher política, muito feminista, que defende paridade, mas que só vai conseguir ter relações sexuais satisfatórias num hotel sujo *underground*, ou seja, tendo ali uma fantasia de prostituição. Então o que essa mulher pensa e o que a faz gozar não é a mesma coisa, e o mesmo vale para os homens. Dando um exemplo de um político francês que também é um defensor da paridade, da igualdade, mas que no segredo, no sigilo da análise ele pode dizer palavras muito machistas, como: “Existem dois sexos: os homens e as secretárias”.

BFP: Judith Butler, em determinado momento, em uma entrevista, coloca uma pergunta: Quando isso muda? O universo do simbólico muda? Alguém lhe responde: Muito lentamente. E ela diz: *Então o simbólico não me serve*.

JA: Ela diz coisas muito interessantes, mas é ao mesmo tempo uma militante. As grandes autoras dos estudos de gênero são quase todas lésbicas. E elas defendem algo que particularmente nós não conseguimos defender, psicanaliticamente: a ideia de que pode haver uma homossexualidade sem que ela deva o que quer que seja a outro sexo. Numa cena psíquica mesmo de uma pessoa homossexual sempre há uma presença inconsciente do outro sexo. É por isso que a Butler recusa, de uma maneira bastante enfática, a bissexualidade freudiana. Porque na verdade é uma dupla heterossexualidade. E ela tem razão. E no inconsciente é assim que funciona. Mas ela não suporta isso. Aí está todo o problema, quando se confundem os discursos, o discurso ideológico com o discurso da análise. A Psicanálise hoje se tornou muito politicamente incorreta.

BFP: Seguindo nesse caminho, então pode-se dizer que a performatividade, resgatando Butler, é incompetente para atuar no Inconsciente?

JA: O inconsciente é performativo. No inconsciente *dizer é fazer*. E a transferência vai ampliar essa dimensão. O tratamento analítico busca o performativo. Para que as palavras sejam atos, coisas. A Psicanálise não tem nada contra o performático. Ela busca isso. Mas os estudos de gênero, evidentemente, criticam o performativo. O performático é a linguagem do inconsciente.

BFP: Retomando o que o senhor disse sobre o inconsciente ser politicamente incorreto: uma questão que preocupa é como sustentar essa

liberdade epistemológica da Psicanálise, sem incorrer no risco de que os discursos psicanalíticos sejam tomados como “munição” para grupos conservadores no campo social.

JA: É complicado. Acho que Freud tinha razão quando ele disse que a Psicanálise não é uma visão de mundo. Se dermos o exemplo dos regimes políticos, temos a democracia representativa, e este é o sistema político mais marcado pela elaboração secundária. É o mais distante do inconsciente. O *fascismo é o mais próximo do inconsciente*. É o mais primitivo. Desejar é fazer. Os discursos políticos ditatoriais sempre buscam a fazer com que a palavra desses regimes sejam um ato, com todas as consequências terríveis que se conhece. Então aqui a gente precisa manter a posição analítica, tendo em mente que isso não diz nada a respeito da posição política de cada um. Acho que de modo geral, uma grande maioria de psicanalistas, assim nas suas condições de cidadãos, são todos defensores da democracia e da paridade entre homens e mulheres, mas a gente também tem de ser capaz de ouvir outra coisa. O tratamento analítico não é um espaço para proselitismo político. Por exemplo, quando um paciente diz coisas racistas num divã, não vamos expulsá-lo. A questão é perguntar qual é a fantasia que está por trás disso, e precisamos analisar essa fantasia, e o que o paciente vai fazer disso depois não cabe à análise decidir, porque se o objetivo do psicanalista for transformar seu paciente num paciente não racista, aí a gente sai totalmente da Psicanálise. É outra coisa.